Iluminação da Fortaleza

I A Era do Azeite de Peixe
II A Era do Gás Carbônico
III A Era da Eletricidade com Fios

JOÃO NOGUEIRA

I

A idéia de iluminar-se a Fortaleza data de 25 de janeiro de 1834. O Conselho da Província, nesta data, propôs ao então presidente Inácio Correia de Vasconcelos este melhoramento, que abrangeria todas as principais ruas e travessas da cidade, para o qual seriam necessários cem lampiões.

Vasconcelos, em longo ofício de 5 de abril daquele ano, dirigido ao ministro do Império, Chichorro da Gama, mostrando «que da escuridão da noite se valem os malvados para perpetrarem crimes», suplica ao mesmo ministro que promova junto à augusta Assembléia Legislativa essa concessão aos habitantes desta cidade.

Nada se fez, que saibamos: a idéia ficou no ar, só tomando corpo 14 anos depois.

Refere o ilustre historiador cearense dr. Cruz Abreu (Rev. do Inst., n. 33, pág. 120) que a iluminação da Fortaleza foi iniciada a 1 de março de 1848, sendo presidente Casimiro José de Moraiz Sarmento e inspetor da Tesouraria Provincial o dr. Joaquim Saldanha Marinho, o famoso *Ganganelli*, da questão dos Bispos.

A iluminação foi contratada com Vitoriano Augusto Borges, que se obrigava, entre outras coisas, a instalar 44 lampiões; *a mantê-los sempre limpos e brilhantes; a conservá-los acesos desde as 6 ho-*

ras da tarde até que amanhecesse o outro dia, ou até que saisse a lua. Nas noite de lua, ficava obrigado a fazer acendê-los do seu ocaso em diante.

Data, pois, de 1848 o célebre «contrato» da nossa iluminação com a Lua; contrato este que perdurou até 25 de outubro de 1935, data em que a Companhia do Gás suspendeu o fornecimento de luz à cidade.

Segundo o Barão de Studart (Datas e Fatos, 2°. v.), «no ano de 1848 foram colocados nas ruas da Fortaleza 25 lampiões pendentes, com iluminação de azeite».

Tinham quatro faces, mais estreitas em baixo do que em cima, fundo e tampa de metal. Ficavam suspensos de umas armações de ferro, lembrando uma forca, cravadas nas esquinas e em posição tal, que pudessem iluminar tanto as ruas como as travessas.

Pendiam de uma corda que, passando por duas roldanas, uma das quais na extremidade da armação, permitia descerem até altura necessária a que se pudessem limpar, acender, etc.

Cada lampião continha uma caixinha cheia de azeite de peixe, com torcida de algodão; qualquer coisa parecida com esses pequenos tachos de que os ourives se servem para soldar ao maçarico.

O encarregado desses serviços era um certo Francisco, mais conhecido por *Chico Lampião*. Não foi sem grande trabalho que pudemos localizar alguns desses mortiços faróis, pois este pequeno detalhe da antiga Fortaleza já está quasi perdido na lembrança mesmo de pessoa idosas desta terra, que consultamos.

Conforme informações fidedignas, ainda conseguimos *acender* 17 dos 44 que pretendíamos achar. Ficava o 1.º na Praça do Ferreira, esquina da rua Cajueiro, onde hoje se acha a loja *Cearense*. Ainda depois de 1896 alí restava intacta uma dessas armações; o 2.º no muro do fundo de palácio, na esquina fronteiriça à igreja dos protestantes; o 3.º, na praça da Sé, na esquina da rua Conde d'Eu, na casa onde outrora moraram Conrado Jacó de Niemeyer e o padre Carlos Augusto Peixoto de Alencar.

Nesta casa a família Cunha Mendes preparava a sexta estação da procissão de Passos. Em 1896 alí ainda existia uma daquelas armações; o 4.º, 5.º e 7.º, no gradil que circunda o lacrímoso e desprezado Cruzeiro da Sé, onde, por milagre, ainda existem. São de forma e construção diferentes das armações que havia nas praças e ruas; o 8.º, na esquina da rua da Misericórdia com a dos quartéis, onde tinha escola em 1876 o professor Raimundo Vieira e depois morou o Des. Pauleta, fazendo frente com os fundos do atual Arquivo Público; o 9.º na esquina da rua Conde d'Eu com a rua do Chafariz; o 10.º na Alfândega velha, há muito demolida; o 11.º, na Cadeia Nova, esquina da rua da Misericórdia com a da Cadeia, hoje chamada do General Sampaio; o 12.º, na esquina da rua da Assembléia com a Amélia, no sobrado antigo que depois de incendiado, foi adquirido pelo negociante Antônio Diogo e onde hoje se acha a redação de «O Estado»; o 13.º na esquina da rua Formosa com a das Hortas (hoje Sen. Alencar), no sobrado de Jacinto Teles, lado a lado com o palacete do Clube dos Diarios e hoje propriedade do sr. Abel Ribeiro; o 14º. na mesma rua Formosa, esquina desta com a da Assembléia, no sobrado em frente ao Banco inglês e que outrora pertenceu a Mendes e Irmão; o 15.º, no canto da rua Municipal (G. Rocha) com a Formosa, no sobrado da família Justa; o 16º ainda na rua Formosa, na esquina fronteiriça ao sobrado antigo de João Amaral, onde hoje se acha o Edifício Cesar Cals e onde, antigamente, era a loja de José Dias Macieira; o 17º., na esquina da rua da Assembléia com a da Palma (Major Facundo), onde outrora tinha loja Manuel José Salgado Couto e, depois deste, o negocíante Diogo. Atualmente nesta esquina está o Banco de Crédito Comercial.

O dr. Hugo Vitor, em um precioso trabalho sobre *Chefes de Polícia do Ceará*, fala em um lampião colocado na fachada da antiga Tesouraria Provincial, e de outro situado na Alfândega velha. São dois a ajuntar aos 17 assim localizados.

Contratando e realizando a iluminação da Fortaleza, prestou o cel. Vitoriano Borges um excelente serviço a esta terra.

Sendo português, a considerava como sua. Aqui viveu longos anos, rodeado sempre da estima a que faziam jús o seu cavalheirismo e seus modos e seus gestos de um perfeito fidalgo.

II

À era do azeite de peixe sucedeu a do gás carbônico, que começou aos 17 de setembro de 1866 com a iluminação de algumas ruas, do Clube Cearense e de outros edifícios.

Achava-se naquele ano o Clube Cearense instalado no grande sobrado, de sua propriedade, no largo do Passeio Público, onde ora se acha a companhia de bondes e de luz elétrica.

A Fortaleza de 1867 comparada com a de hoje era, pode dizer-se, um arremedo de cidade.

Limitava-se ao N. pelas ruas da Praia e da Misericórdia; a L. pela rua de Baixo (Conde d'Eu); ao S. pela rua de D. Pedro, e a O. pela rua Amélia (S. Pompeu). Fora desse âmbito, excetuados o palácio do Bispo, o Colégio das Irmãs e o Seminário, tudo eram areias, casas de palha, uma ou outra casa de tijolo com sofrivel aparência.

Considerava-se uma loucura edificar para alem destes limites, tão *longe* se ficava da cidade...

Bem poucas ruas e casas teve a companhia que servir naquele tempo; mas valha a verdade: a iluminação das nossas ruas até 1914 era mil vezes melhor que a atual.

Os combustores eram implantados em zigueza-gue, distando cerca de 30 metros um do outro, no mesmo lado da rua.

Contribuiam, para esta excelente iluminação, a pequena distância entre eles, sua pouca altura (2 m, 40), a brilhante chama em forma de leque queimando um gás bem preparado, a tampa pintada de branco por dentro servindo de refletor, espalhando a luz pelas calçadas e ruas, e a manga de vidro, inteiriça.

Tudo isto no alto de uma coluna de ferro fundido, elegante, esguia e canelada. Eram todos numerados. Tempo houve em que a nossa iluminação pú-

blica, se não era a melhor, era das melhores do País.

Com a guerra de 14, o fornecimento de carvão de pedra tornou-se deficiente; pelo que a companhia apagou metade dos combustores da cidade; e, para atender a melhor iluminação da praça do Ferreira e de outras, para estas transportou parte dos combustores que não funcionavam.

Claras as praças, escuras as ruas, especialmente nas nossas antigas e indecentes *noites de escuro.*

A Companhia do Gás fez ponto aos 25 de outubro de 935, encerrando-se, assim, a era do gás carbônico, que durou 68 anos, 1 mês e 8 dias.

III

À era do gás carbônico sucedeu a da eletricidade com fios.

Antes da extinção da iluminação a gás, começaram os ensaios da iluminação elétrica das nossas praças e ruas.

Aos 10 de outubro de 933 foram instaladas, a titulo de experiência, quatro alâmpadas de cem velas na rua Formosa, entre a Municipal e das Hortas; e, por fim, aos 8 de dezembro de 934, inaugurou-se a iluminação geral, começando-se pela colocação de algumas alâmpadas na praça do Ferreira.

Quando encerrar-se a era da eletricidade *com fios,* que virá ? *Dicant paduani.*

Quem sabe se um dia a cachoeira de Paulo Afonso não irradiará, sem fio algum pelos ares, a sua enorme energia por todo o Centro e Nordeste Brasileiros, movendo, aquecendo e iluminando a nossa Fortaleza ?

A contemplação do progresso constante das ciências e de suas aplicações à indústria, autoriza-nos a crer nisso.

Já não se transmite a grandes distâncias, tanto o som como as imagens ? Por que, pois, um dia, não

se poderá transmitir sem fios e pelos ares a energia mecânica ?

Isto é hoje uma utopia, um devaneio; mas quantas vezes a utopia de hoje não se torna a realidade de amanhã !

Santos Dumont e Júlio Verne que o digam...